

REFLEXÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS EM REFERÊNCIA A UMA ENTREVISTA FEITA COM UMA ESTUDANTE DA UNILAB¹

Diane Couto de Carvalho²

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo refletir sob uma premissa contra hegemônica, em relação à lógica dominante do capital associado/dependente, por meio de uma análise feita através de entrevista não estruturada, com uma estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Como tema para os nossos estudos, fomentaremos um olhar crítico envolvendo a Internacionalização do Ensino Superior, em um viés contra hegemônico, com intuito de tornar latente e significativo o debate sobre o assunto aqui apresentando. Para tanto, faremos nosso embasamento teórico a partir de uma análise bibliográfica, mediante o uso artigos e livros, alguns específicos sobre a Internacionalização do Ensino Superior, outros, sobre abordagens críticas a respeito do modo de produção vigente no contexto do Sul Global, que podemos definir como associado/dependente ao norte do Globo. Sendo que, para esse propósito, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, do tipo estudo de caso. A análise dos dados partirá, além do material bibliográfico, como também, da verificação das respostas trazidas pela estudante da Guiné-Bissau em entrevista realizada pela pesquisadora desse artigo, no qual aborda o assunto que permeia a Internacionalização do Ensino Superior, em uma perspectiva contra hegemônica. Faremos essa arguição através de discussões teórico/práticas e logo partiremos para análise da entrevista que terá como título: Experiência Internacional de uma estudante da Guiné-Bissau.

Palavras-chave: Contra hegemônica. Internacionalização, Capital associado/dependente. Abordagem crítica. Ensino Superior.

COUNTER-HEGEMONIC REFLECTIONS IN REFERENCE TO AN INTERVIEW WITH A UNILAB STUDENT

Abstract:

This article aims to reflect on a counter-hegemonic premise in relation to the dominant logic of associated/dependent capital, through an analysis conducted through an unstructured interview with a student from the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). As a theme for our studies, we will foster a critical view involving the Internationalization of Higher Education, from a counter-hegemonic perspective, with the aim of making the debate on the subject presented here latent and meaningful. To this end, we will provide our theoretical basis based on a bibliographical analysis, using articles and books, some specifically on the Internationalization of Higher Education, others on critical approaches regarding the mode of production in force in the context of the Global South, which we can define as associated/dependent with the North of the Globe. For this purpose, we will conduct bibliographical research, of the case study type. The data analysis will be based not only on the bibliographic material, but also on the verification of the answers given by the student from Guinea-Bissau in an interview conducted by the researcher of this article,

¹ Este trabalho tem origem na disciplina Seminário Avançado (SA): Internacionalização da Educação Superior: aspectos teóricos e práticos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Mestranda em Educação na UFRGS. E-mail: diane.couto.carvalho@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6725-8653>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0508705749705762>.

in which she addresses the issue of the Internationalization of Higher Education, from a counter-hegemonic perspective. We will make this argument through theoretical/practical discussions and then move on to the analysis of the interview, which will be entitled: International Experience of a Student from Guinea-Bissau.

Keywords: Counter-hegemonic. Internationalization, Associated/dependent capital. Critical approach. Higher Education.

REFLEXIONES CONTRAHEGEMÓNICAS EN REFERENCIA A UNA ENTREVISTA CON UN ESTUDIANTE DE UNILAB

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre una premisa contrahegemónica, en relación a la lógica dominante del capital asociado/dependiente, a partir de un análisis realizado mediante una entrevista no estructurada, con una estudiante de la Universidad de Integración Internacional de la Lusofonía Afrobrasileña (UNILAB). Como tema de nuestros estudios, fomentaremos una mirada crítica que involucre la Internacionalización de la Educación Superior, en un sesgo contrahegemónico, con el objetivo de hacer latente y significativo el debate sobre el tema aquí presentado. Para ello, basaremos nuestra fundamentación teórica en un análisis bibliográfico, utilizando artículos y libros, algunos específicamente sobre la Internacionalización de la Educación Superior, otros sobre planteamientos críticos respecto del actual modo de producción en el contexto del Sur Global, que podemos definir como asociado/dependiente del Norte del Globo. Para tal efecto, realizaremos una investigación bibliográfica, del tipo estudio de caso. El análisis de los datos se iniciará, además del material bibliográfico, así como de la verificación de las respuestas dadas por la estudiante de Guinea-Bissau en una entrevista realizada por la investigadora de este artículo, en la que aborda la temática que permea la Internacionalización de la Educación Superior, desde una perspectiva contrahegemónica. Desarrollaremos esta argumentación a través de discusiones teóricas/prácticas para luego pasar al análisis de la entrevista, que se titulará: Experiencia internacional de una estudiante de Guinea-Bissau.

Palabras clave: Contrahegemónico. Internacionalización, Capital asociado/dependiente. Enfoque crítico. Educación superior.

Introdução

De acordo com a historiografia brasileira, denota-se que a internacionalização já ocorria no Brasil desde o século XVI, com a chegada do monopólio Jesuítico, que permeava a vertente religiosa da pedagogia tradicional. Esse movimento não tinha a intenção de educar, os povos originários, que daqui faziam parte, mas sim, doutrinar, dominar e submetê-los às ordens dos religiosos das capitâncias de Jesus.

Na atual conjuntura, a internacionalização estabeleceu novos ares, pois a partir da década de 1980, época em que houve sua expansão, iniciativas internacionais foram tomadas,

conforme Knight (2020) instituições, organizações e governos, propondo a ampliação do Ensino Superior, orquestraram o desenvolvimento de programas e políticas de internacionalização, em resposta às expectativas de globalização, propostas pelo Neoliberalismo.

Como não podíamos deixar de elucidar, o termo Neoliberal deve ser grafado com letra maiúscula, de acordo com Streck et al. (2008) que, anunciando as palavras de Freire, relatam acerca do neoliberalismo como uma espécie de fatalidade que acaba se naturalizando por entre as pessoas. Dessa maneira, as classes menos favorecidas entram na lógica de tornar aquela realidade como não mutável. Assim sendo, é imposto a elas a não possibilidade de oportunidades históricas de mutabilidade social. E a falta de oportunidades históricas é a principal causa dessa premissa. Em vista disso, o queremos adulterar, com os movimentos contra hegemônicos, como a internacionalização do Ensino Superior, é essa veracidade superficial da realidade que nos cerca.

Dando continuidade, ao contrário do que se imaginava, a internacionalização no ensino superior, vai além de intercâmbios de envio ou recepção de estudantes de outras nacionalidades, para determinadas instituições de ensino. Existem várias possibilidades de se realizar a internacionalização. Entre elas temos, a internacionalização em casa (IaH) ou *at home*, que de acordo com Clemente e Morosini et al. (2021) reforçam que a internacionalização em casa pode ser estabelecida por um agrupamento de dispositivos e agendas em casa, nos quais desenvolvem competências internacionais e interculturais em todos os alunos.

A outra forma de internacionalização é a clássica, em que existe a possibilidade de enviar alunos para fora do país, como ocorreu no Brasil, com o programa Ciências sem Fronteiras, consoante à Granja e Carneiro (2021), tratou-se de um programa de mobilidade estudantil, criado em 2011, pelo governo Federal, que aumentou em 71% o número de discentes brasileiros no exterior. Infelizmente, o projeto foi descontinuado pelo congelamento de gastos em 2015 e teve sua finalização em 2017.

É crucial trazer para as páginas de introdução desse artigo, a terceira forma de internacionalização mais significativa e que estamos tendo ótimos resultados. Sendo ela, a criação de Universidades de integração internacional, na qual une os países do sul do mundo em prol de uma educação contra hegemônica. As Universidades aqui referenciadas são: UNILA (Universidade Federal de Integração Latino-Americana) e UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Esta é voltada para os povos do continente sul africano, que partem para o Brasil para realizarem estudos internacionais na Instituição em diversas áreas, entre elas ciências humanas/educação. Aquela, permanece direcionada aos povos da América Latina, condizente com Lima at.al. ((2016) reforçam que a UNILA, representa uma universidade emancipadora e traz em seus princípios, o compromisso com o desenvolvimento sustentável, indissociação da justiça social e equilíbrio do meio ambiente, mantendo um relacionamento recíproco com a utilização de recursos, conhecimentos científicos e tecnológicos, entre seu corpo docente e discente.

A UNILAB foi criada antes da UNILA, entretanto, ambas Instituições apresentam a mesma natureza emancipadora e contra-hegemônica. Pois elas, comportam os povos que foram historicamente expropriados dos conhecimentos da humidade. Entretanto, as Instituições de Ensino Superior, aqui apresentadas, tiveram que se manifestar dentro do viés neoliberal, no qual foi desenhado anos antes de suas criações, mantendo e reforçando um contexto associado/dependente ao Sul do Globo Terrestre.

Segundo Antunes (2018) houve no Brasil em 1989, época em que o presidente era Fernando Collor de Melo, uma forte pressão interna e externa, com exigência dos capitais internacionais, requerendo uma reestruturação produtiva. Isso implicava na formulação de mão de obra qualificada, entre os países que estavam entrando no regime de acumulação Toyotista de caráter Neoliberal.

Um elemento que precisamos dirimir é sobre o vocábulo Toyotismo, que para Antunes (2017) é o que estabelece uma produtividade permeada pela demanda, diferente do Taylorismo-fordismo, que tinha como escopo a produção em massa. Para tanto, o Toyotismo procura reduzir o condizente de desperdício, evitando estoques. O resultado dessa nova forma de regime de acumulação é a subcontratação de empresas e a ampliação da terceirização de mão de obra que é produzida pelos bancos escolares, por isso houve a expansão da educação básica.

Conforme refutamos acima no que concerne à educação básica, sua expansão ocorreu antes da disseminação da Educação Superior, refletindo assim em várias ações para a sua dilatação como Programa Universidade para Todos (PROUNI), Financiamento Universitário (FIES), Sistema de Seleção Unificado (SISU), entre os demais programas, em teores internacionais temos a criação da UNILAB, em 20 de julho de 2010 e UNILA, 12 de janeiro de 2010. É importante frisar que, as universidades foram estabelecidas, anos depois

das políticas privatistas de diminuição do Estado e a terceirização do trabalho, após o período da redemocratização do Brasil em 1988.

Fitamos falar sobre a diminuição do estado, não obstante, referimo-nos ao termo terceirização como acompanhante do conteúdo que envolve a diminuição do estado. Visto que, segundo Antunes (2018) com o Neoliberalismo ganhando força, após a redemocratização do Brasil, a terceirização acabou sendo uma realidade nacional, que precarizou o trabalho e se expressou por meio da retirada de direitos trabalhistas. Esse axioma respingou na educação, que forma a mão obra trabalhista, consequentemente isso resultou em trabalhadores, que em sua grande maioria, acabou encontrando um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e menos abrangente.

Sendo assim, reiteramos a informação, que por efeito disso a Internacionalização do Ensino se faz crucial para promover mudanças na sociedade e diferenciar os trabalhadores, seguindo as demandas do capital. Contudo, sem descaracterizar a luta dos trabalhadores, não deixando de lado os vértices contra hegemônicos de possibilidade de escada para um dia termos a finalização do modo de produção de capitalista, para um modo de produção mais adequado a todos e essa realidade inclui a internacionalização Ensino Superior dos países ao Sul do Globo.

Finalizando, apesar dos percalços enfrentados pelo modo de produção capitalista, que reflete na nossa submissão, enquanto povos ao Sul do Globo, podemos considerar que tanto UNILA, quanto a UNILAB espelham nomenclaturas de emancipação, até mesmo para especulações da natureza contra hegemônica e superação das forças externas que nos dominam é o que veremos no decorrer desse artigo, mas antes iremos revisitar como ele foi pensando e construído por meio da metodologia.

Metodologia

Iniciaremos nossos estudos metodológicos fazendo uma reflexão sobre como surgiu a ideia de realizar uma entrevista com uma estudante internacional Sul Africana. A proposta foi suscitada na disciplina de Internacionalização do Ensino Superior, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como o objetivo do trabalho era conhecermos alunos internacionais, tivemos a oportunidade de estabelecer o diálogo com A, nossa entrevistada.

Por assim dizer e dando continuidade aos nossos estudos, precisamos enfocar, antes de tudo, que a “Internacionalização do Ensino Superior”, é um verbete pouco conhecido da maneira como o estudamos na disciplina aqui referenciada. Foi partindo de uma entrevista com uma estudante Sul Africana da Guiné Bissau que conhecemos a locução em destaque mais substancialmente. Para tanto, nossa análise permeou abordagens críticas, através da teoria histórica materialista, acerca do modo de produção capitalista, com autores que desenham essa linha pensamento.

Delineando o significado da teoria histórico materialista, perante as palavras de Marx e Engels (2010) na teoria materialista histórica são as ações do homem que determinam os condizentes e os rumos que a vida irá tomar, sendo assim, toda produção material do ser humano depende da ações teórico/práticas homem e esta forma de produzir a vida materialmente altera a maneira do sujeito de pensar, viver e se consolidar em sociedade

Continuando nossas explanações sobre o tema proposto, agora com as explicações sobre a teoria que estamos utilizando como embasamento teórico para o nosso trabalho. Temos que, o artigo delineia a temática acerca da internacionalização do Ensino Superior recorrendo a um viés contra hegemônico dentro do modo de produção vigente.

É salutar nesse momento explicarmos a terminologia que envolve os verbetes contra hegemônico e modo de produção. Este significa para Wood (1995) por intermédio dos escritos althusserianos, como uma base estrutural da sociedade que denota inúmeros níveis basilares envolvendo economia, política e ideologias e essa base gera uma totalidade social de relações entre as áreas desses níveis citados. Já a palavra Hegemonia em definição de Bueno (1989) apresenta o significado de dominação, sendo que o termo contra hegemônico, remete-nos à hipótese de ser contrário à dominação do modo de produção capitalista.

Com essas explicações realizadas, podemos dar continuidade ao conteúdo aqui apresentado, sendo que agora, iremos verificar os objetivos que foram propostos para essa análise, sendo eles: Refletir sobre as bases estruturais do capital, através de uma entrevista com uma estudante da Guiné-Bissau, que faz parte de uma Universidade de Integração de povos. A pergunta para embasar nosso artigo será: Como podemos modificar as bases estruturais do capital, através da Internacionalização do Ensino Superior?

Antes de entrarmos na entrevista, ponto auge do artigo, faremos uma explanação sobre os contextos materiais abordados, com o auxílio de uma análise bibliográfica, na qual, será necessária para entendermos como estamos dispostos no capitalismo, enquanto Brasil. E as repercuções neoliberais em relação às políticas públicas educacionais, em nosso país e o

porquê esse regime novo de acumulação capitalista está fomentando a expansão da escolarização superior para os países ao Sul do Globo.

As bases estruturais do artigo foram formuladas por intervenção de uma entrevista, em que, conforme Richardson (1999), toda análise parte de perguntas feitas pelo pesquisador, que deve iniciar as explicações gerais sobre o tema e objetivos propostos e o que se pretende ao final da atividade. Ademais, utilizamos nas partes iniciais da entrevista informações sobre a participante, na qual, para conservar a identidade da estudante, iremos chamá-la de A. Por conseguinte, daremos seguimento à temática da experiência de A, em relação a sua escolarização de nível superior na UNILAB.

Finalizando, tentaremos abordar de maneira crítica e explanativa a entrevista com participante, A. Trazendo os pontos mais relevantes da pesquisa, juntamente com uma análise de artigos e obras, com intuito de nos contextualizarmos, pelas discussões teórico/práticas, no tocante ao modo de produção capitalista.

Resultados e Discussão

Inicialmente, precisamos conhecer o país de origem da estudante entrevistada, que é a Guiné-Bissau. Conhecida oficialmente por República da Guiné-Bissau, esse país da África Ocidental divide fronteira com o Senegal ao norte, ao sul, com a Guiné-Conacri e ao leste, com o Oceano Atlântico. Dito isso, o país possui uma população aproximada de 2 milhões de pessoas.

Apesar da Guiné-Bissau fazer parte do Reino de Gabu, foi colonizada pelos Portugueses, adequando seu sistema de ensino e currículo para a educação dos colonizadores. Dito isso, conforme a nossa entrevistada, mesmo a Guiné-Bissau alcançando a sua independência em 24 de setembro de 1973, a educação estabelecida no país é a do colonizador, deixando de lado as aprendizagens, vivências e culturas do seu país e continente de origem.

Em vista da situação apresentada, vamos conhecer a participante da nossa pesquisa. Sendo referenciada como, A, que é uma mulher negra de 29 anos, na qual veio ao Brasil, em 2018, para estudar humanidades e Pedagogia na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A UNILAB é uma Instituição de Ensino Superior Federal, localizada no Ceará. A escolha para o lugar de origem, dá-se devido ao Ceará ser a

primeira cidade brasileira a se libertar da escravidão em 25 de março de 1884, 4 anos antes da abolição em nível nacional do Brasil.

Dando continuidade, a Universidade de Integração está direcionada aos países do continente Africano, possui um projeto político pedagógico inovador. Dessa forma, podemos dizer, que é uma maneira emancipatória de estabelecer a internacionalização no Brasil. Pois além de, servir como reparação histórica, devido à abolição da escravidão tardia em nosso país, também une nações que foram prejudicadas pela colonização portuguesa.

Convém lembrar que, esses processos direcionados à ampliação da escolarização dos povos, que antes eram expropriados desse direito, como povo negro, que passou a ser excluído de todos os processos democráticos do sistema, somente agora, com as políticas de ações afirmativas, está conseguindo acessar direitos em nosso país, como o direito à educação superior.

Não obstante, os processos democráticos encontrados no Brasil, que proporcionam políticas públicas, para os povos excluídos do capitalismo, podem enfrentar dificuldades, para chegar aos seus sujeitos. Rematando as informações elencadas, A, em terras brasileiras, relata que, encontrou acolhimento, mas também, deparou-se com o racismo estrutural, dificultando a consolidação dos seus direitos democráticos, como o direito à formação superior. Enfatizamos que, o racismo estrutural é comum em nosso país. Trazemos a fala de, A, que comunica que teve medo, ainda mais por ser uma mulher negra, estrangeira e africana, vivendo na capital do Rio Grande do Sul, Cidade de Porto Alegre.

Acerca da obra de Fraser (2022), a autora aborda que democracia radical apresenta dois tipos de obstáculos, o primeiro, refere-se à participação democrática, que no Brasil, configura-se com uma representação do povo, pelos seus governantes. Ação que muitas vezes deixa as pautas sociais, como a educação, à parte. Vimos isso com o congelamento de gastos na educação, ocasionando o fim do programa Ciências sem Fronteiras, por exemplo. E o segundo, é, o não reconhecimento da diferença, no qual gera atitudes de preconceito e violência, referenciados por A, na presente pesquisa, como o racismo.

Outra questão levantada por A, foi, que, por um lado existem questões de preconceito e até perguntas desnecessárias sobre seu país, por outro, A, refere-se ao Brasil como um país acolhedor, tendo uma boa estrutura educacional e que nada disso é informado pela mídia. Ocasionando na venda de uma imagem negativa a respeito do local referenciado.

Frequentemente, falamos sobre a importância da educação como um potencial para alavancar forças aos países, sobretudo, aqueles que são denominados de emergentes. Contudo,

pouco se vê em relação a estudos direcionados à educação superior que contemplam a formação de professoras. Como nossa entrevistada é educadora, ela nos trouxe pontos importantes na conversa sobre sua formação em relação às atividades de estágios.

A, realizou suas práticas de ensino no Ensino Fundamental 1, EJA, Educação Infantil e Gestão. Com essas experiências, A, relatou a importância de realizar o trabalho prático, que muitas vezes acaba sendo diferente do que vemos nas salas de formação de pedagogas, nas Universidades. A, ressalta que conhecer a realidade da escola antes de exercer a profissão é muito importante, pois é nesse momento que começamos a refletir e contribuir para os processos de mudanças positivas, dentro de nossas práticas de ensino.

A, trouxe-nos tantas informações interessantes e ricas na entrevista. Logo, termina a pesquisa com a palavra “UBUNTU”, que significa, de acordo com Gertrude Match, “eu sou porque você é”, enfatizando que todos fazemos parte do mundo e somos igualmente importantes para ele.

Por fim, retomamos a pergunta, feita ainda no início de nossos estudos: Como podemos modificar as bases estruturais do capital através da Internacionalização do Ensino Superior? Por meio da nossa união, que é salutar, para uma perspectiva contra hegemônica de fortalecimento de povos. Dito isso, os processos de internacionalização no Ensino Superior cumprem com esse papel e se configuram como uma segurança, com intuito de ainda termos um mundo de qualidade, para as gerações futuras.

Considerações finais

Recapitulando o tema do nosso artigo, no qual, discorre, por meio de pensamentos sobre a Internacionalização do Ensino Superior, partindo de uma entrevista com uma estudante Sul Africana da Guiné Bissau. Tivemos como objetivo: Refletir sobre as bases estruturais do capital, através de uma entrevista com uma estudante da Guiné-Bissau, que faz parte de uma Universidade de Integração de povos.

Para tanto, percebemos que, tema e objetivo foram contemplados em nosso artigo, pelas vias materiais e históricas, que fizeram a análise das bases estruturais do capitalismo. Sobretudo como o modo de produção capitalista está redesenhandando o acesso ao ensino superior, para os povos, que antes, em seu regime de acumulação passado, o Taylorismo/Fordismo, não tinham aproximação, como tem agora, no Toyotismo.

A análise do artigo foi referenciada por meio de uma entrevista com, A, estudante da Guiné-Bissau, país do continente Africano e local de nascimento da discente. A, participante de nossos estudos, realizou suas ponderações teóricos/práticas sobre a sua formação em educação na UNILAB. Dito isso, optamos por dar foco nessa universidade de integração, devido ao histórico da entrevistada, que discorreu sobre suas vivências negativas e positivas, no que concerne a sua dedicação à formação como educadora, em uma experiência de internacionalização do Ensino Superior.

Nomenclaturas como neoliberalismo, colonização, modo de produção capitalista, internacionalização do ensino superior foram elucidadas nesse artigo, com a intenção de responder a seguinte pergunta: Como podemos modificar as bases estruturais do capital, através da Internacionalização do Ensino Superior? Que teve como resposta, a união de povos, que é proporcionada pelas Universidades de Integração, como a UNILA e UNILAB.

Para além dos autores citados, fizemos as análises das bases estruturais da sociedade com autores como Fraser, Antunes, Marx, Engels, Wood, Bueno Streck et. al. e para a abordagem da internalização, debruçamo-nos em obras como a de Knigh e nos artigos de Clemente e Morosini, Granja e Carneiro e Lima at. al. Entretanto, abrimos espaço para a utilização de novos autores, conforme as lentes de alcance teórico dos próximos pesquisadores que se beneficiarão dessa temática.

Findando nosso artigo, gostaríamos de dispor que o estudo aqui apresentado permaneça aberto. Com a intenção de que, novos estudiosos do assunto, possam usar a temática em suas investigações e dessa maneira, dar voz e conhecimento às pesquisas, que envolvem as ideias aqui elencadas. Não esquecendo das abordagens críticas e emancipatórias, com vias a uma lógica contra hegemônica, para abertura de possibilidades de superação do modo de produção capitalista, para um modo de produção mais harmônico e justo para todos.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Privilégio da servidão:** O novo proletariado de serviços da era digital. São Paulo: Boi Tempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação:** da especialização taylorista à flexibilização toyotista. Editora Cortez. São Paulo. 2017.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. FTD. São Paulo. 1989.

CLEMENTE, Fabiane Aparecida Santos. MOROSINI, Marília Costa. **IaH: Internacionalização e/ou interculturalidade *at home*.** Teresina: Linguagens, educação e sociedade, 2021.

GRANJA, Cíntia Denise. CARNEIRO, Ana Maria. **O programa Ciências sem Fronteiras e a falha sistêmica no ciclo de políticas públicas.** Rio de Janeiro. 2021

FRASER, Nancy. **Justiça interrompida:** reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”. São Paulo: Boi Tempo, 2022.

KNIGHT, Jane. **Internacionalização da educação superior:** Conceitos, tendências e desafios. São Leopoldo: OIKOS editora: 2020.

LIMA, Manolita Correia. SILVA, Claudia Cristiane dos Santos. PROLO, Ivor. TORINI, Danilo Martins. **As contribuições da consulta pública para o projeto de criação da UNILA.** Canoas: Interfaces Brasil/Canadá, 2016.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** teses sobre Feuerbach. Centauro Editora. 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa social:** Métodos e Técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

STRECK, Danilo R. REDIN Euclides e ZITKOSKI José. **Dicionário Paulo Freire.** Editora AutênticaBelo Horizonte. 2008.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. Boitempo Editora. São Paulo. 2022.